

**MEMÓRIAS DE VIAGEM E O DESLUMBRAMENTO ANTE O MUNDO
DESCOBERTO**
MEMORIAS DE VIAJES Y DESLUMBRAMIENTO ANTE EL MUNDO DESCUBIERTO

Maria Luíza Ritzel Remédios¹

RESUMO: O texto aborda um livro do escritor sul-rio-grandense Josué Guimarães, intitulado *As muralhas de Jericó*. Escrita na década de 1950, e inédita até o ano 2000, essa obra memorialística permite identificar o deslumbramento de seu autor diante do mundo socialista, ou seja, da China e da União Soviética, países de cujas visitas se originam a escritura.

PALAVRAS-CHAVE: Josué Guimarães. Literatura Biográfica. Memórias.

Foi nos anos setenta que Josué Guimarães surgiu na literatura brasileira com um desejo muito maior do que a necessidade de ser original e singular: o desejo de comunicar-se com o outro e ajudar na transformação de seu país. Seus livros produzidos a partir dessa época apresentavam a constatação de que o homem moderno vai-se tornando cada vez mais fragilizado diante de um mundo que o oprime, e a noção de que as artes, em específico a literatura, têm o dever de ir à frente de sua época, transformá-la, e construir novos valores.

A tarefa de pensar o mundo, transformar sua época, construir novos valores, não tem início em Josué Guimarães quando ele inaugura suas atividades de ficcionista. Ao contrário, já fazia parte de sua vida desde 1939, no começo de sua carreira de jornalista na revista *O Malho e Vida Ilustrada*, no Rio de Janeiro. E, principalmente, naquela que, a partir de sua publicação no ano 2000, passou a ser considerada sua primeira obra: *As muralhas de Jericó*,² livro em que relata sua viagem à União Soviética e à China e que se encontrava inédito, sob a guarda do editor e amigo de Josué, Ivan Pinheiro Machado, o qual pretendia publicá-lo na década de 80, com notas explicativas do autor.

Trata-se de um livro de memórias essa obra literária de Josué Guimarães, escrita quando o jornalista-escritor retornou da viagem que fizera à União Soviética e à China. Com duas partes distintas, dezenove capítulos ou fragmentos, constitui-se num texto que revela a surpresa e a admiração de um brasileiro diante do mundo soviético e chinês. Lê-lo, após quase cinquenta anos de sua produção, com olhos de leitora do século XX, esse século que pareceu acabar num esgotamento de propostas revolucionárias, de sonhos de homens diante de tantas promessas não cumpridas, de relações humanas condenadas à solidão dos não-lugares pelos quais uma multidão passa a cada dia sem necessidade de contatar com o outro, foi uma experiência diferente.

¹ Pós-Doutora em Letras pela Universidade de Coimbra. Professora Titular do PPGL (Mestrado e Doutorado) da PUCRS.

² GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó*. Porto Alegre: L&PM, 2000. Todas as citações serão retiradas dessa edição.

Estava colocando em ação, diante da minha leitura, com meu próprio instrumental crítico, com minha bagagem cultural e ideológica de viajante na história, um texto datado (junho de 1952), revelador da perspectiva de intelectuais socialistas brasileiros diante de uma sociedade desconhecida para eles e que se revelava como algo novo. Era a grande aventura de sua vida, como diz o autor-narrador nos momentos que antecedem sua chegada a Moscou, e quando se encontra ansioso, pensando nas perspectivas de recepção oriundas das informações que guardava desde o Brasil:

Sinto que o avião começa a perder altura. E cada metro que desce, tentando confundir-se com a massa de nuvens que teima em não apresentar um rasgão sequer no seu corpo, sinto que mais me aproximo do início da grande aventura. Ou não será aventura nenhuma? Seria preferível para um humilde repórter - e aí tento romancear um pouco a situação - que os homens mal-encarados, que deverão estar nos esperando no aeroporto, tivessem péssima catadura e nos tirassem, de chegada, uma série de liberdades individuais. Não se poderia olhar para os lados. Não se perguntaria nada a ninguém, mas somente ao intérprete. É proibido tirar fotografias. É proibido sair à noite...

Nessas memórias, posso classificar assim o livro de Josué Guimarães, pois o texto abarca não apenas a história individual de determinado período da vida do autor-narrador ou a história da sua personalidade, mas, principalmente, a recuperação, a recordação, através da escrita, de um tempo passado recentemente em que o autor se comporta como testemunha, de tal modo que o que existe nas suas páginas de pessoal é o ponto de vista individual (Cf. LEJEUNE, 1986). O escritor procura apresentar uma leitura isenta e objetiva sobre o que vê nos países que percorre. Isento, no sentido de que não está a serviço de qualquer grupo de interesses; objetivo, porque sua meta é esclarecer aos leitores, brasileiros principalmente, que a democracia é um processo e não uma dádiva celestial.

Dessa forma, o objeto do discurso de Josué Guimarães é algo que excede ao indivíduo, porque trata da história da evolução cultural, social e econômica dos países da extinta “cortina de ferro” e da China. Sabe-se que o que um escritor pensa do mundo e dos seus habitantes de um lugar: está nos livros que escreve, por mais que ele insista que é apenas um narrador. Já o que o autor pensa de si próprio e de sua obra, é uma revelação ao mesmo tempo mais fácil, pois não precisa do recurso literário, e mais difícil, pois não pode contar com o refúgio literário (LEJEUNE, 1980, 1989).

Josué Guimarães, neste livro, revela o que pensa do mundo e mesmo querendo dar um caráter documental a seu texto, recorre ao literário. Isso se percebe já pelo título, *As muralhas de Jericó*, e pelas epígrafes do texto que remetem ao *Antigo Testamento*, ao Livro de Josué, capítulo sexto, cujo assunto é a conquista da cidade murada, Jericó, pelos israelitas sob o

comando de Josué. Josué Guimarães metáforiza sua viagem, comparando-a à conquista de Jericó.

Ele parece sentir-se como o Josué da Bíblia que, no comando dos israelitas, penetrou a cidadela inexpugnável, pois ele está a alcançar a União Soviética, até então, separada do mundo ocidental. Tem consciência da importância do que está a fazer, e diz:

Este livro não tem a pretensão de derrubar as muralhas que separam, praticamente, o Ocidente do Oriente, fazendo deste mundo um só. Para tanto faltam engenho e arte. Porém, se não tiver a força e a magia das trombetas do Profeta, se não for capaz de destruir as muralhas simbólicas que hoje têm o nome de Cortina de Ferro, que pelo menos sirva para tirar deste muro de indiferença uma única pedra. Só isso justificaria a veleidade de publicá-lo. Pois a fresta assim aberta daria para que duas mãos se apertassem, fraternalmente, iniciando uma era de compreensão e boa vontade, únicos sentimentos que ainda poderão devolver a Paz aos homens.

Na “Apresentação”, assinada e datada pelo autor, o pacto com o leitor se estabelece (Cf. LEJEUNE, 1971, 1975, 1983). Nesse processo, o autor-narrador e os leitores ficam formalmente fixados: o texto é de autoria do Josué Guimarães viajante e se destina a leitores brasileiros. Também sua intenção é, aqui, explicitada: seu livro deverá ter a força e a magia do juiz bíblico para “destruir as muralhas simbólicas que hoje têm o nome de Cortina de Ferro [...] iniciando uma era de compreensão e boa vontade”, e reforçada, quando ele fala das muralhas da China como:

símbolo de defesa de um povo que, até hoje, não encontrou segurança e que sabe que nenhuma barreira material será capaz de deter a ambição de outros povos, o desejo de destruição de outras gentes. Talvez seja a Muralha, nos dias de hoje, um símbolo muito vivo para os chineses. (...) está a ensinar-lhes que só uma coisa poderá deter uma agressão: é a união de todos, o trabalho de sol a sol e um sentimento de igualdade que lhes dê força e independência.

A preocupação de Josué Guimarães, presente em toda sua obra, quer ficcional, quer jornalística, em apontar os fatores de relevância social com objetivo de questionar sua validade e denunciar uma sociedade que, por seu desajustamento, leva à falência do indivíduo, é revelada em *As muralhas de Jericó*. No relato de sua viagem, em que, como ele próprio afirma, em “Nota Inicial”, “nunca andou só”, mostra-se preocupado com a verdade e com a repercussão do fato político; procura ver e analisar, de forma objetiva, esse fato, refletindo sobre a situação diferente em que se encontrava o povo brasileiro na década de 50.

Josué descobre uma nova União Soviética e uma nova China, diversa do que ouvira falar no Brasil e procura mostrá-las aos brasileiros: “O brasileiro já começou a compreender que em tudo aquilo que lê, ouve ou vê acerca deste lado, está sempre um dedo qualquer interessado em mentir, em criar barreiras, em torcer os fatos. Como se a mentira fosse de bronze e não de barro”, por isso tem o cuidado de mostrar a situação dos países da “cortina de

ferro” e da China em seu momento de transformação, quando se erguem como sociedade aberta, livre.

O escritor vive a cada dia experiências que o permitiram julgar o descompasso entre aquilo que via e o que era retratado na grande imprensa brasileira, como, por exemplo, a idéia de que, na China comunista, prevalecia a ferocidade e o extermínio humano: “Muita gente no Brasil e até mesmo na Europa acredita que o terror militar, o massacre e todas as formas impiedosas de extermínio humano são invenções dos comunistas. No entanto, os sobreviventes chineses daquele período em que Chiang-Kai-Shek divergiu de seus amigos de então, podem revelar hoje o que foi a violência dos nacionalistas e de sua camarilha”.

Mais adiante, explica o autor que:

a China adotou o socialismo – não confundir com comunismo – há apenas dois anos e meio. No entanto, o visitante já se sente burlado em seus conhecimentos sobre o país. Onde estão os célebres mendigos de Pequim, as crianças raquíticas pedindo esmolas, os doentes exibindo as suas chagas no passeio, o comerciante que quase rapta o cidadão no exclusivo desejo de empurrar-lhe goela abaixo a mercadoria da sua tenda? As ruas estão limpas, os guardas são bem fardados, as crianças são rosadas. Há ordem e a impressão mais forte é de que todos fazem alguma coisa. Ouvi muitas histórias do barbarismo comunista na China, depois que os socialistas assumiram o governo. Não poupavam ninguém e ter dinheiro era um crime inqualificável. Encostaram milhares de cidadãos contra os muros e varreram todos à bala.

Desse modo, *As muralhas de Jericó* quer redimensionar a história e apresentar e discutir informações que são escamoteadas. Recorre então à disposição da linguagem que articula um narrador que se encontra lá, entre os homens comuns russos ou chineses, e também, no momento da escrita, num lugar estratégico do qual é possível uma visão retrospectiva que impõe a ordem do presente no passado (Cf. LEJEUNE, 1991). O narrador é, pois, onisciente e, devidamente abastecido de dados, organiza o complexo histórico num discurso em que relata algumas conclusões de sua ampla indagação histórica e ideológica.

Em conseqüência, o texto de Josué Guimarães trai seu desejo de isenção e de objetividade em relação ao fato histórico que vivencia. A “abertura” da União Soviética e da China socialista para o mundo ocidental torna-se um ardil discursivo, trama de explanação exaltadora, elogio do socialismo. A fala autoral vem garantida, em todos os capítulos, pela vivência do escritor. É uma fala avalizada quer pela consciência histórica desvelada por meio do discurso do narrador, quer pela experiência que o homem vivencia na União Soviética e na China, quer pelo distanciamento proporcionado por seu olhar estrangeiro, quer pelas diferentes personagens soviéticas ou chinesas a que dá voz.

Empreendendo a busca da verdade histórica, através de uma estrutura textual que exercita o estatuto da verossimilhança, sem deixar de incorporar artifícios de composição para reforçar as motivações realistas, o narrador recorre à linguagem referencial e maneja os dados recolhidos com objetividade, sempre qualificando a tenacidade e a laboriosidade do povo que habita aquelas terras. É o que se observa quando ele relata sua visita à fábrica Stalin:

Quarenta e sete dos atuais engenheiros que empregam suas atividades na Fábrica Stalin ostentam o ambicionado "Prêmio Stalin", que varia em dinheiro de cem mil a trezentos mil rublos. Uma fortuna apreciável. Para merecer esse prêmio é necessário grande esforço e capacidade; ele, em geral, é conferido aos inventores de máquinas ou até mesmo de dispositivos especiais que multipliquem o índice de produtividade. Na União Soviética não há - como nos países capitalistas - o temor da máquina pela diminuição da mão-de-obra. Os inventos que visam eliminar a mão-de-obra são sempre utilizados integralmente, pois, de há muito, os russos aspiram diminuir de 8 para 6 horas o seu trabalho diário.

O comentário sobre os operários russos não temerem o desemprego pela modernização da fábrica com o incentivo a novas tecnologias revela a análise que o autor-narrador faz da situação sócio-econômica da União Soviética, da possibilidade de os trabalhadores dedicarem-se ao lazer, ao esporte, à cultura. É nesses fragmentos que Josué Guimarães aproxima o que vê daquilo que vivencia no Brasil. Dessa comparação, sempre resulta uma visão negativa de seu país e conseqüente exaltação do povo russo:

Numa tarde, a delegação brasileira, ao deixar o Hotel Nacional, com destino à reunião plenária da Conferência Econômica, tem sua atenção despertada para uma aglomeração à porta de uma livraria que nós havíamos visitado várias vezes. Homens e mulheres disputavam a primazia na porta e muitos outros saíam lá de dentro empunhando um livro qualquer. Fomos nos informar do que havia. E o espanto foi tanto, para nós brasileiros, que ninguém comentou o sucedido depois, ruminando lá as suas incompreensões e engolindo em seco o seu espanto. Tratava-se, simplesmente, de mais uma edição de um livro sobre filosofia, disputado de tal maneira que me lembrou episódio igual, numa banca de São Paulo, no dia em que saiu uma nova edição da revista *Grande Hotel*, uma cretiníssima coleção de estórias de amores mal correspondidos, de mistura com a vida secreta de artistas de Hollywood e conselhos sobre a melhor maneira de achar um marido.

Da leitura, o que começa a inquietar é que esse homem de ação e de letras idealize as virtudes de um povo que só agora conhecia e cujos defeitos não percebe. Surgem-me, então, uma série de dúvidas: Não seria seu julgamento apressado? Não resultariam suas impressões do encantamento pela realização dessa viagem? As respostas para tais questões são dadas pelo próprio autor-narrador que, em diferentes fragmentos, deixa transparecer sua preocupação com o leitor, para que esse não duvide de sua narrativa. Na nota introdutória ao texto, diz o autor-narrador que: “nunca andou só, entretanto achou melhor expurgar as idéias e comentários dos companheiros de viagem, para não transmitir, aos leitores, uma impressão de

que estivesse apenas a fazer turismo [...] para evidenciar que tudo aquilo que digo, nestas páginas, teve sempre alguém de testemunha”.

Recorrendo às testemunhas, o autor-narrador torna verossímil seu relato e enfatiza sua preocupação em apresentar elementos que comprovem sua verdade. Ele é o sujeito da escrita representado pelo dêitico pronominal *eu* que, muitas vezes, se pluraliza em *nós*: “Apenas alguns minutos nos separam da 'Cortina de Ferro’”, incluindo, no discurso, suas testemunhas e até mesmo o leitor. O conhecimento e a verdade são adquiridos no desenvolvimento da escrita quando analisa, interpreta e avalia os eventos, revelados através do testemunho e observação de outras pessoas, sendo que “achou melhor expurgar as idéias e comentários dos companheiros de viagem”.

Mesmo assim, reivindica para si a posição de transmissor do conhecimento, enuncia um único ponto de vista, o seu, e se mostra como espectador da cena, numa posição privilegiada:

É domingo. Aqui da janela do meu quarto vejo a Praça Vermelha coberta de neve. O grande parque que circunda as muralhas do Kremlin tem as árvores secas e a galharia nua parece definitivamente morta. Não há verde nesta paisagem de início de primavera. Vejo apenas o vermelho das pedras das torres, o cinza-escuro dos muros, a ferrugem dos telhados e o branco a perder de vista, a formar desenhos e arabescos nos beirais e nas janelas. Um estranho sol cor-de-rosa banha de luz o domingo, enquanto o povo parece um formigueiro pelas calçadas, com a gente toda vestindo pesados casacões pretos. É possível que Stalin esteja numa vidraça qualquer, como esta aqui do Hotel Nacional, espiando a rua e vendo o seu povo, mas jamais o seu pensamento se cruzará com a espécie de incompreensão de um repórter ocidental que olha uma praça, um palácio, a neve e que ainda não entendeu o mecanismo que move aquela gente lá em baixo, sem conflitos e sem apreensões. Afinal, eu também olho o coração que enche de sangue os pulmões de duzentos milhões de almas, espalhadas em vinte e dois milhões de quilômetros quadrados. Muitos outros também olharam, talvez aqui mesmo desta janela...

Em *As muralhas de Jericó*, o autor-narrador fala da educação, da política e da economia do mundo oriental, procurando revelar o novo homem que surge após as transformações que se operam no regime socialista da China e comunista da União Soviética. É sempre o olhar do “estrangeiro”, que se encontra fora dos acontecimentos, mas que os vê e analisa. A acuidade da análise desse olhar se deve talvez às experiências vivenciadas por Josué Guimarães no Brasil ou por ele ser um político nato, apesar de se dizer não-político, ficando muito clara sua adesão aos sistemas socialista e comunista dos países que visita e destacando a serenidade de povos que já atravessaram o martírio da guerra e compreendem as contradições, dificuldades e entrechoques de mudanças tanto materiais quanto espirituais.

Essa serenidade se observa, por exemplo, quando o autor-narrador toma conhecimento dos diversos racionamentos que são feitos na China, desde a alimentação até gasolina:

Numa grande avenida, encontro o primeiro ônibus. Preso a ele, sobre duas rodas, um grande aparelho de gasogênio. Falta de gasolina?

- Não senhor. Simplesmente uma medida de economia interna, pois nós exportamos petróleo. O Brasil está interessado em gasolina?

Nessa altura nem sei se o Brasil deseja comprar gasolina da China. Penso na gritaria brasileira ante a primeira notícia de racionamento da gasolina. Ninguém quer saber de economizar, como se o produto fosse nacional e não custasse ao país os olhos da cara. Eles têm gasolina, usam gasogênio e acham isso a coisa mais natural do mundo.

A comparação entre chineses e brasileiros eleva mais uma vez os orientais e os mostra como um povo que, atravessando uma experiência empolgante de transformação, encara todas as contradições e dificuldades como algo que tem de ser feito para o país crescer. Nos momentos em que relata situações como a acima apresentada, Josué narrador insere juízos de valor, oriundos de seu distanciamento dos fatos, por ser estrangeiro, e também avalia o Brasil. A leitura de *As muralhas de Jericó* revela o ficcionista que, vinte anos depois, se torna Josué Guimarães, porque, nessas memórias, real e imaginação, história e literatura se entrelaçam tornando o livro, apesar de datado, atual e interessante.

RESUMEN: El texto aborda un libro del escritor brasileño Josué Guimarães, intitulado *As muralhas de Jericó*. Escrita en la década de 1950, e inédita hasta el año 2000, esa obra memorialística permite identificar el deslumbramiento de su autor delante del mundo socialista, es decir, de China y de la Unión Soviética (en aquellos entonces), países de cuyas visitas se origina la escritura de Josué.

PALABRAS-CLAVE: Josué Guimarães. Literatura Biográfica. Memórias.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó*. Porto Alegre: L & PM, 2000.

LEJEUNE, Philippe. *L'Autobiographie en France*. Paris: Armand Colin, 1971.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. *Je est un autre: l'autobiographie, de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980.

LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique (bis). *Poétique*, Paris, n. 56, p. 417-433, nov. 1983.

LEJEUNE, Philippe. *Moi aussi*. Paris: Seuil, 1986.

LEJEUNE, Philippe. Le désir biographique. *Cahiers de Sémiotique Textuelle*, Paris, n. 16, 1989.

LEJEUNE, Philippe. *La mémoire et l'oblique: Georges Perec autobiographe*. Paris: POL, 1991.

LEJEUNE, Philippe. *Les brouillons de soi*. Paris: Seuil, 1998.